

Invasão Kiriri

Hoje os índios cantam e dançam a vitória em Picos

MIRANDELA (Ba) — O som da maraca e dos cânticos indígenas vão invadir, hoje, a noite de Mirandela, distrito de Ribeira do Pombal, e cinco das 60 reses doadas pela Funai para o incipiente rebanho da comunidade, serão abatidas para o "torê" dos Kiriri. Toda tribo, cerca de 2 mil pessoas, vai comemorar a ocupação da Fazenda Picos, primeira vitória na luta pela retomada da Reserva da Missão de N.S. da Ascensão, criada pelos jesuítas e a Coroa Portuguesa, no século XVI, e hoje ocupada por 2 mil famílias de posseiros e influentes fazendeiros da região Nordeste do Estado.

O "torê" será no centro comunitário da Lagoa Grande, um dos cinco núcleos ou aldeias da tribo Kiriri. Os mais antigos vestirão a roupa de palha de ouricuri de acordo com a tradição desta festa mística e religiosa dos índios. O fato é que eles vão comemorar com um elemento de seu universo cultural, a ocupação definitiva da Fazenda Picos, autorizada pelo presidente da Funai, coronel Paulo Leal e anunciada em Salvador, na terça-feira, Dia Nacional do Índio, pelo delegado do órgão para o Nordeste, Leonardo Reis.

TÁTICA DE GUERRILHA

É quando se chega no topo da serra de Lagoa Grande, dentro da Fazenda Picos, e se ouve as histórias dos "caboclos" que se dimensiona o clima de tensão que cerca a disputa pela posse da terra entre índios e fazendeiros e o acerto da Funai ao autorizar a ocupação. Os Kiriri reviveram seus antepassados guerreiros e do alto da serra aplicaram uma tática de guerrilha. Eles dominavam todos os movimentos em volta e avistavam qualquer intruso a um quilômetro de distância.

Mirandela fica a aproximadamente 20 quilômetros de Ribeira do Pombal. O centro do distrito é o imponente prédio da Igreja das Missões de N.S. da Ascensão, cercado de casas rústicas dos moradores numa praça ampla. De Mirandela a Lagoa Grande local onde estão os Kiriri, são seis quilômetros de estrada de barro, acesso difícil para carros pequenos e entremeada de depressões provocadas pela erosão das águas. Do alto da serra, os Kiriri dominam a estrada e a paisagem em torno, nesta época do ano com bastante verde permitido pela chuva.

A picada aberta para subir ao alto da serra é íngreme e em alguns pontos o mato é fechado do lado direito e, à esquerda, abre-se um precipício; em outros trechos, o mato cobre os dois lados. Porque eles escolheram exatamente aquele lugar? O cacique Lázaro Gonzaga de Souza riu largo, quando lhe disseram que a picada "é difícil para os amigos, imagine para os inimigos".

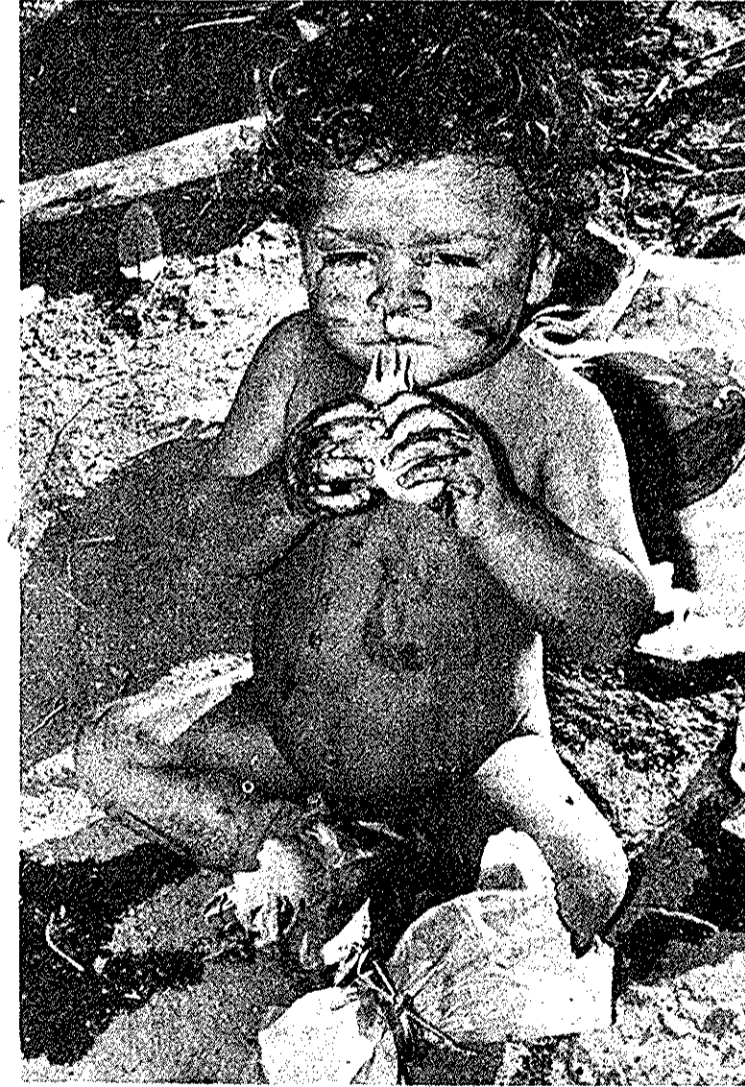
Lagoa Grande — a lagoa que existia secou — é um dos núcleos dos Kiriri. Fica num dos extremos da Reserva da Missão, exatamente a uma légua (seis quilômetros) de Mirandela. Foi para lá que os índios foram sendo "empurrados" com a ocupação de suas terras e de onde eles pretendem sair para retomá-la integralmente. Em Lagoa Grande, são 84 famílias que ocupam 30 hectares de serra e terras de baixa produtividade. Do alto da serra se avista também a sede da Fazenda Picos, na parte ocupada pelo fazendeiro Artur Miranda, que possui propriedades também no município de Tucano.

A Picos limita-se com outra aldeia dos Kiriri, a Grota do Sacão, onde existem 50 famílias, explorando 50 hectares. A terceira aldeia é da Baixada da Cangalha, com 56 famílias e aproximadamente 50 hectares. "São as piores terras, não dá milho, feijão e nem mandioca. Só dá formiga e agricultura só com o mestre agrônomo", disse Lázaro, cacique Kiriri. Na Baixa do Juá, seis famílias têm uma relação de "meia" com um fazendeiro que eles conhecem por "José Nique" numa área de quatro hectares.

A quinta comunidade Kiriri é a de Cantagalo, com 36 famílias, e uma área de exploração que os índios não souberam especificar. Florentino de Andrade, conselheiro da comunidade, 57 anos, cinco filhos, afirma também que a terra está cansada, "não está prestando mais para nada".

UNINDO OS NUCLEOS

Vivendo assim dispersos, os Kiriri, os "preguiçosos", como diz a ideologia oficial do sertão, eram mão-de-obra barata para os fazendeiros. Para ilustrar a unificação da tribo, o cacique Lázaro comenta que



Os Kiriris já trabalham de novo as terras da Fazenda Picos retomada e contam histórias da tensão que viveram com as famílias

seu cavalo ficou "com as pernas finas", de tanto percorrer trilhas e estradas de uma aldeia para outra. Foi um trabalho de pacificação dos índios, que viviam se digladiando por pequenas divergências entre os núcleos, e de fortalecimento de uma estrutura sócio-política.

Tudo é decidido coletivamente entre os Kiriri. Quase todos pararam o trabalho para ouvir o relato que o cacique faz aos visitantes. Todos aprovam com um uníssono "sim" quando indagados sobre a veracidade de um fato. Cada núcleo tem um conselheiro, geralmente os mais velhos, enquanto o cacique Lázaro representa a unidade, a liderança maior. Nunca fala "eu fiz", mas que "os índios decidiram", "os índios quiseram", "a opinião dos índios é essa". Por exemplo, na quarta-feira, ele chegou de Recife às 2 horas da manhã e só foi encontrar-se com o delegado da Funai para o Nordeste, Leonardo Reis, para a reunião com o Interba e o fazendeiro Artur Miranda, depois de "reunir os índios e falar com eles". Depois disso é que foi a Caldas do Cipó dizer que os Kiriri consideraram "plausível" a ocupação apenas dos 600 hectares da Fazenda Picos.

Para eles, os fazendeiros são "exploradores" dos índios e dos lavradores pobres, homens que "humilham os mais fracos". Luiz de Souza, irmão de Lázaro, ficou bêbado no centro de Ribeira do Pombal. "Pegaram ele, tiraram toda roupa, queimaram e deixaram nu", conta o cacique.

O hospital da Associação Santa Tereza, se recusa a atender os Kiriri. Só se foi sindicalizado no Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município. Ou seja, não os reconhece como índios que, num convênio Funrural com a Funai, podem ser medicados em qualquer hospital.

Entre os homens que ocuparam a Fazenda Picos, estão alguns "brancos", trabalhadores rurais pobres, curtidors no trabalho da roça. Por que? Essa indagação, revela uma outra relação interna da tribo. São as mulheres que fazem a farinha, numa casa de farinha da comunidade, são elas que fazem a comida. Elas também têm a liberdade de escolha. "Eles são casados com as índias, né? E quando as índias querem, não tem remédio", explica Lázaro. São trabalhadoras rurais que se casaram e convivem em harmonia, cumprindo as exigências das relações sócio-políticas dos Kiriri.

DEMARCAÇÃO

Feita a reunificação sócio-política dos Kiriri, o cacique Lázaro partiu para a retomada da reserva. Antes humilhados, mão-de-obra barata, enxotados para o fim da reserva, os índios não ofereciam perigo. Tanto que em 1979, o fazendeiro Pedro Francisco Araújo adquiriu uma fazenda que faz limite com as terras ocupadas pelos indígenas. E, segundo o chefe do Posto Indígena, Gilvan Cavalcanti, funcionário da Funai, aproveitando a falta de cerca, avançou 600 metros.

— Foi o início da briga, na aldeia da Baixa da Cangalha. Seis índios reclamaram no PI. Eu mandei um bilhete para o fazendeiro, mas ele não atendeu. Enviei, então, um ofício e ele disse que não era área indígena. Lázaro foi lá verificar e os índios resolveram abrir uma picada para comprovar, liberando os marcos e fazendo a medição — disse Gilvan Cavalcanti.

Quando já ia adiantado o trabalho de verificação dos limites da reserva, prosseguiu o chefe do PI, o fazendeiro Osvaldo Lino e seu irmão Pedro Lino apareceram com mais de uma dezena de jovens, armados de rifles, espingardas e revólveres. "Tentaram fazer um massacre e os índios recuaram. O fato foi comunicado à Funai, que decidiu a partir daí fazer a demarcação. Para evitar que houvesse maior hostilidade, a Funai mandou a Polícia Federal passar alguns dias na área", acrescentou o chefe do PI.

Somente em novembro de 1980, a demarcação foi retomada, desta vez com topógrafo da Funai, mandado pelo delegado do órgão no Nordeste, Leonardo Reis, que havia tomado posse em setembro. Houve também um sério conflito com fazendeiros, conforme relato de Carlos Cristóvão Batista, o "Carlitos", liderança dos Kiriri na ocupação da Fazenda Picos. — Começamos a tirar um "rumo" a partir de Mirandela em direção à Mata do Sacão. Quando estávamos trabalhando,

apareceram uns dez homens. "Queremos saber com que ordens vocês estão fazendo esse serviço. Isso não é terra de índio e não queremos que passem pela roça. Ou vocês voltam ou vamos ter que tirá-los a tiro". O topógrafo disse que estava trabalhando para o governo e pediu identificação. Eles não deram, mas nós sabíamos quem eram eles. Um era o Antônio Cilino. No dia seguinte a Polícia Federal chegou e acompanhou os trabalhos.

A demarcação foi concluída, mas surgiu daí a controvérsia do que seja "uma légua em quadra". A Funai, os Kiriris e os antropólogos da Universidade Federal da Bahia consideram esta medida, conforme está no alvará da Coroa Portuguesa de 1700, um octógono (polígono de oito lados), com uma légua (seis quilômetros e meio) do centro igreja da Missão — até os vértices do polígono. Isso corresponde a 12 mil e 300 hectares.

O Instituto de Terras da Bahia (Interba) foi acionado para defender os interesses dos fazendeiros, ligados ao PDS-2, que perdeu as eleições em Ribeira do Pombal — os índios votaram no PDS-1. Na interpretação do Interba e dos fazendeiros, uma "légua em quadra" significa um quadrado, com meia légua do centro até um extremo (norte e mais meia légua do centro ao outro extremo (sul), Meia légua para leste e meia légua para oeste, dando um total de 4 mil e 350 hectares.

Mesmo se admitindo essa versão, a desapropriação da Fazenda Picos só garante 600 hectares aos Kiriris. De acordo com o delegado da Funai, Leonardo Reis, nesses 600 hectares, além do fazendeiro Artur Miranda (1 mil e 400 tarefas), estão Antonio Ponte Miranda (200 tarefas), Heráclito Dantas Miranda (150 tarefas), José Emanuel dos Santos (100 tarefas), Maria Miranda Barros (100 tarefas), Zeito da Gama (100 tarefas) e Antonio Nogueira (50 tarefas). Cada duas tarefas e meia corresponde a um hectare.

E o resto dos 4 mil 350 hectares ou dos 11 mil e 600 hectares, de acordo com a demarcação da Funai? Estão ao longo da estrada entre Ribeira do Pombal e Mirandela, e de Mirandela para Lagoa Grande, na fazenda Picos. As chuvas estão sendo generosas e essas terras estão com a vegetação verde, prometendo uma safra razoável de feijão e milho. Mas estão nas mãos de 2 mil famílias de posseiros, que os Kiriris admitem permanecer em suas posses até que seja encontrada uma solução para sua relocação. Ou que surja novo conflito, pois, conforme disse o cacique Lázaro, "quando se desconfia, nem mulher nossa presta".

APRENSIVOS

Em Mirandela, onde moram muitos desses posseiros, e ao longo da difícil estrada que liga a Lagoa Grande, são duas as reações: uns acham que os Kiriri não vão incomodar, enquanto outros, que segundo Lázaro, "ficavam do lado dos exploradores", estão temerosos de perder a terra. São unânimes, contudo, ao afirmar que a venda da fazenda Picos à Funai, vai "tranquilizar um pouco a região".

No primeiro contato com o diretor do Interba, José Aécio Rodrigues, o fazendeiro Artur Miranda, cogitou o preço de 126 milhões de cruzeiros pela sua parte na fazenda Picos. Logo depois, ele afirmou que iria pedir, em Brasília, 140 milhões de cruzeiros. As terras, embora bastante pisoteadas pelo gado, são férteis em épocas de chuva abundante. No ano passado, com o fornecimento de sementes selecionadas pela Funai, os Kiriris colheram 60 toneladas de feijão e 54 toneladas de milho. Para esse ano, os "preguiçosos" já tem mais de 9 toneladas de semente para iniciar o plantio.

Coletivamente como decidem seus problemas, os Kiriris vão plantar essas sementes. De acordo com decisão da tribo, segundo o cacique Lázaro, as terras da fazenda Picos que eles ocuparam e estão capinando, serão a nova "roça comunitária" da tribo. Já surgiram nesta área as primeiras palhoças, onde se abrigam do frio que faz na madrugada do sertão e das chuvas que estão molhando a terra para o plantio.

A conquista da fazenda Picos foi o primeiro passo dos Kiriris. Segundo Lázaro, o objetivo da tribo é ocupar toda reserva e impor-se como comunidade na região.